

| Apresentação: Traduzir é criar

Carolina Paganine e Beethoven Alvarez*

“Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo - traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem sequer entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se estivesse acordada não seria linguagem”

(Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.*, 2020, p. 18).

Sob muitos ângulos, a obra de Clarice Lispector parece toda nos interpelar o valor da linguagem como representação da realidade para então nos contrapor a ideia da linguagem como criação, sendo a própria realidade uma criação ou uma invenção do eu. De modo semelhante, podemos nos perguntar que palavras traduzimos, que palavras criamos ao lidar com o desconhecido da linguagem, aquilo que escapa aos significados referenciais, que pertence aos silêncios e aos sonhos?

Clarice, ela mesma tradutora, admitia que “traduzir pode correr o risco de não parar nunca” (2018, p. 105), pois há sempre a vontade de mexer e remexer no texto e porque o escritor, e aí incluímos

* UFF

o tradutor, “é um ator inato. Em primeiro lugar, ele representa profundamente o papel de si mesmo. Escritor é uma pessoa que se cansa muito, e que termina com um pouco de náusea de si, já que o contato íntimo consigo próprio é por força prolongado demais” (2018, p. 106). Tradutores, como escritores, não podem evitar de se incluir nos textos que escrevem e reescrevem. Sobre isso, Jorge Luis Borges (1988) nos lembra de que é nessa inscrição criativa dos tradutores que reside a beleza das traduções.

Esse contato consigo próprio é também o contato com a linguagem e suas infinitas possibilidades de criação e tradução, em que tradutores e críticos, ao mesmo tempo que se norteiam pelo texto de partida, também se deixam levar pela pergunta da narradora de *A paixão segundo G.H.*: “Minha pergunta, se havia, não era: “que sou”, mas “entre quais eu sou”” (Lispector, 2020, p. 26). Tal é o tema deste segundo volume de “Tradução é arte” na *Tradução em Revista*, cujos textos buscam não só evidenciar a centralidade da criação para a tradução, mas também enxergar o papel distintivo e pessoal de tradutores e tradutoras na criação de novas possibilidades de interpretação e tradução.

Começamos este número com duas importantes contribuições que tratam da tradução literária de e para a língua brasileira de sinais - Libras e da produção literária em Libras. No primeiro, de Victor Hugo Lima Nazário e Neiva de Aquino Albres, intitulado “Tradução comentada da poesia em Libras “Poesia Surda para Sempre” para o Português: a arte do fazer tradutório”, os autores realizam um considerável apanhado da importância da tradução comentada tanto para a pesquisa acadêmica quanto como metodologia que dá visibilidade à prática criativa presente em toda tradução poética. Neste artigo, os desafios tradutórios se acentuam, dado que se trata da tradução de uma língua de sinais para uma língua oral. Não obstante, os autores descrevem e discutem em detalhe sua tradução de um poema de Rodrigo Custódio da Silva, mostrando que “para compreender a poesia não basta saber Libras, é necessário conhecer o gênero poesia em língua de sinais e suas características, assim como

conhecer a temática abordada na poesia”, no caso, um poema engajado na visibilidade da comunidade surda.

No segundo artigo, “Tempo de Poesia: um estudo sobre tradução de literatura em Libras no contexto do Centro de Educação para Surdos Rio Branco”, Delmir Rildo Alves e Gisele Moreira Santos pesquisam as políticas de tradução subjacentes ao projeto indicado no título do artigo, escolhendo, em específico, a tradução para libras do poema “Todas as manhãs” de Conceição Evaristo para análise sob a perspectiva funcionalista da tradução e a partir do modelo de análise textual proposta por Christiane Nord. Ao fim, os autores chamam atenção para a questão de que a literatura surda, bem como a tradução para língua de sinais, devem enfatizar seu caráter multimodal.

Já em “Significação na tradução audiovisual: intersemiose na legendagem”, Bill Bob Adonis Arinos Lima e Sousa analisa a legendagem interlingüística como prática de tradução audiovisual, discutindo suas implicações para o trabalho do legendista. Recorrendo a estudos de linguagem fílmica, tradução audiovisual e legendagem, e também, em chave descritivista, considerando noções da semiótica peirceana, o artigo trata da qualidade criativa das legendas em duas cenas de obras audiovisuais – do filme Perseguição na neve (2020) e da série Cobra Kai (2018) – que integram o catálogo da Netflix, destacando a influência significativa dos ícones e índices na elaboração das legendas, que exigem do legendista conhecimento e criatividade de retextualização da multissemiose dos textos audiovisuais.

Em “Tradutores cleptomaníacos: a potência do falso em Dezsö Kosztolányi e Italo Calvino”, Bruna Fontes Ferraz e Mariane de Sousa Oliveira trazem uma reflexão sobre a tradução como “roubo” a partir de dois personagens-tradutores presentes um no conto “O tradutor cleptomaníaco”, de Deszö Kozstolány, e o outro no romance *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino. Após uma exposição desses personagens e dessas obras, as autoras demonstram que o “roubo” faz parte da criação literária, seja de obras ditas originais seja de textos traduzidos, “já que todo tradutor, em alguma medida, diante

da intraduzibilidade de uma língua, precisa criar, inventar, em última instância, roubar, para concluir a tradução”.

Na sequência, Elvis Borges Machado e Otávio Guimarães Tavares abordam, em seu artigo “Oseki-Dépré e a tradução francesa de Guimarães Rosa: uma análise dos aspectos linguísticos, sonoros e sintáticos em *Premières Histoires*”, as estratégias da tradutora Inês Oseki-Dépré para “rosianizar a língua francesa”. Machado e Tavares se concentram em analisar, em especial, a tradução dos trocadilhos, das “negações”, dos jogos de palavras e jogos sonoros, dos nomes e a tradução sintática e, para tanto, trazem as reflexões de Henri Meschonnic e Haroldo de Campos, na medida em que estes autores enfatizam a tradução como criação, e da própria Oseki-Dépré, que caracteriza sua prática tradutória como dotada de uma “liberdade mimética”. Ao fim, os autores concluem que “uma vez que a intraduzibilidade não é mais o centro da problemática dos tradutores em relação à tradução, o pensamento recriativo e autoral ganha mais relevância e a tradução não mais é percebida como um produto secundário, mas como um produto de valor comparável àquele do original”.

Lenita Maria Rimoli Pisetta e Cynthia Beatrice Costa, em “Three Mesdames Bovary, three works of art”, discutem as traduções do romance de Gustave Flaubert realizadas por Lydia Davis, para a língua inglesa, e Mario Laranjeira, para o português brasileiro. Para as autoras, encarar a tradução literária como uma forma de arte pressupõe entender que traduzir literatura é uma tarefa de recriação e que a sensibilidade dos tradutores é um ponto que diferencia os projetos tradutórios que partem de um mesmo texto. No artigo, percebemos que Davis e Laranjeira, ao mesmo tempo em que estão atentos ao estilo flaubertiano, também inserem um estilo próprio às suas respectivas traduções e, para as pesquisadoras, isso resulta, de modo resumido, num texto mais fluente na tradução inglesa e, na brasileira, um texto mais colado nos desafios sintáticos e lexicais propostos por Flaubert.

Se no artigo anterior, Pisetta e Costa tratam de um romance considerado um clássico da literatura universal, no seguinte temos um relato de tradução de um romance contemporâneo e pós-colonial de uma escritora sul-africana. Monica Stefani, autora de “Memórias históricas na pós-colonialidade: a experiência de traduzir o romance sul-africano *The Other Me*, de Joy Watson, para o português brasileiro” e também tradutora, inicia sua discussão a partir da pergunta “por que traduzir?” para então desdobrar-se sobre o valor simbólico de se traduzir uma literatura que toca em temas políticos e sociais delicados, como o apartheid, e que são produzidas por mulheres advindas do continente africano. Stefani passa então a comentar sua tradução a partir do ponto de vista da teoria da decolonialidade e da interculturalidade para embasar suas escolhas tradutórias.

Abrindo a seção de ensaios, em “Tradução é arte. É arte? Um olhar para o teatro para pensar sobre tradução”, Ruth Bohunovsky compara profissões como encenador, ator ou atriz com o trabalho tradutório, com o objetivo de discutir se essas atividades foram consideradas como artísticas ou não ao longo da história. A abordagem parte da ideia de que a categorização de uma atividade como artística está mais relacionada a fatores externos do que propriamente a elementos intrínsecos. Além disso, observa que outras atividades profissionais igualmente criativas, autorais e artísticas, tais quais a tradução, conseguiram obter uma apreciação diferente.

Outro ensaio instigante, “Traduzir do grego. Exercícios de pesquisa-criação”, de Alessandra Vannucci, nos guia pelos caminhos da experimentação criativa e teatral. Em um relato de suas traduções artísticas, temos notícias dos bastidores de encenações de textos de Empédocles, filósofo-poeta grego do século V a.C., traduzidos do grego para o italiano (e para o português ao mesmo tempo), bem como das montagens italianas de Antigone (2019) e Baccanti (2020), no Teatro Stabile di Catania, sob a direção de Laura Sicignano. Com seus exemplos e proposições, Alessandra discute por que faz sentido retraduzir e representar o repertório clássico, seja versos filosóficos ou

tragédias gregas; e busca formas de revigorar o impacto de sua representação no século XXI.

Na seção de traduções, aparece o artigo “Os surdos, suas línguas e sua textualidade diferida” (“Los Sordos, sus lenguas y su textualidad diferida”), do pesquisador do Uruguai Leonardo Peluso Crespi, traduzido por Renata Lisboa Mothcy, Saionara Figueiredo Santos, Sheila Maria dos Santos. Publicado originalmente em 2018 em “Traslaciones. Revista Latinoamericana de Lectura y Escritura”, o texto aborda os principais pontos de discussão teórica do programa de pesquisa “Textualidade Registrada em Língua de Sinais Uruguaia” (TRELSU), como a distribuição funcional das línguas dentro da comunidade surda e o conceito de textualidade diferida. Tratando da relação entre a comunidade surda e o espanhol escrito no contexto uruguai, discute-se os efeitos da textualidade diferida tanto na educação bilíngue e intercultural de surdos quanto nas práticas de tradução entre línguas orais e línguas de sinais.

Por fim, para encerrar este número, o coletivo de tradução “UFF Tradução é Arte”, composto por Beethoven Alvarez, Bruna da Silva, Catarina Ribeiro, Gabriela da Silveira, Gabriela Gonsalves, Pedro Lopes, Renan Carvalho e Sofia Almeida, nos apresenta sua tradução colaborativa de “Say Translation is Art” (“Diga Tradução é Arte”), de Sawako Nakayasu, professora, poeta e tradutora nipo-americana. De 2020, “Say Translation is Art” é um livro-tratado-manifesto sobre tradução literária que vai além dos limites de definições convencionais, propondo um reconhecimento mais amplo de tradução como (oper)ação e arte. A tradução, realizada coletivamente como parte das atividades de uma disciplina de Pós-Graduação, é, ao mesmo tempo, resultado e processo de um exercício conjunto de leituras e de compartilhamento de experiências tradutórias.

Estes onze textos aqui publicados se assomam a outros treze do n. 35 da *Tradução em Revista* num substancioso compilado de artigos, ensaios, traduções e uma resenha que, de variadas formas, respondem à provocação da chamada “Tradução é arte”. Tradução e arte foram

abordadas como técnica, como campo de estudos, como obra, como criação, como reflexão que se desdobra de si; como arte que articula as pequenas partes – e também, com suas armas, desarticula –, (re)criando linguagem. Agradecemos toda a equipe da *Tradução em Revista* e todos e todas que contribuíram compartilhando suas pesquisas e suas práticas.

Referências

- BORGES, Jorge Luis. As versões homéricas. Trad. Josely Vianna Baptista. In: BORGES, J. L. *Obras Completas*, I. São Paulo: Globo, 1988.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. Traduzir procurando não trair. In: Marcia A. P. Martins e Andréia Guerini (orgs.). *Palavra de tradutor: reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.